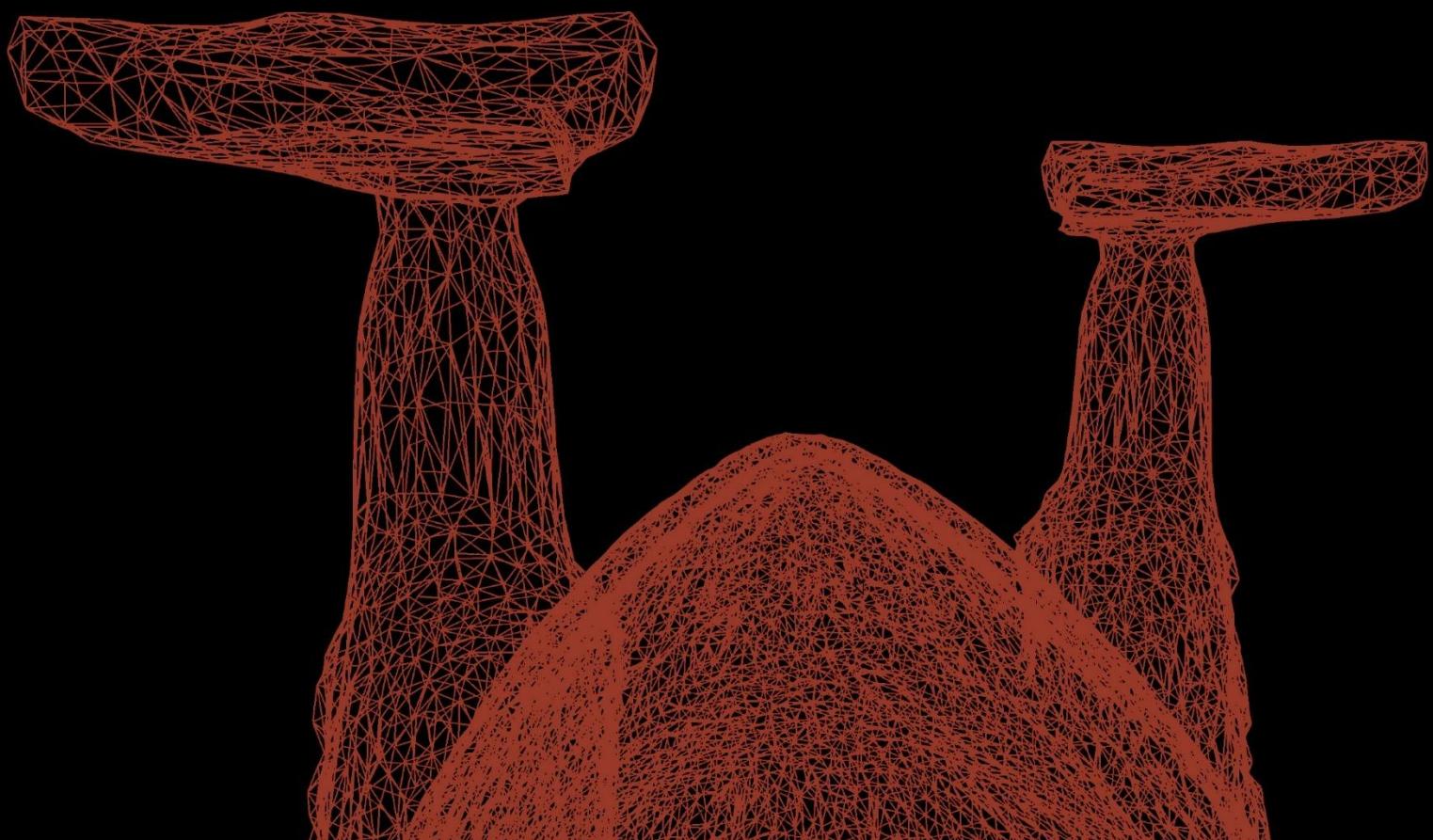


CAPÍTULO 17

O BRADO DE NATÁLIA

MARIA JOÃO LIMA



Capítulo 17 - O Brado de Natália

The Natalia's Shout

Maria João Lima

Natália Correia, uma das mais proeminentes escritoras portuguesas, destacou-se como uma voz feroz e assertiva contra a ditadura de António de Oliveira Salazar, utilizando as suas obras literárias como armas contra o regime. Nascida em terras açorianas, sem figura paterna e criada por uma mãe de ideologias libertárias, “Natalinha” como era comum e carinhosamente chamada, cresceu a ouvir sussurros de opositores ao regime de tirania vigente. Uma menina como a “Natalinha”, que cresce sem pai e cercada por “libertários”, nasce já a fugir às ideias tradicionalistas do Estado Novo. E assim continuará a desafiar as normas e políticas nacionalistas durante o resto da sua vida, como uma chama incansável que se nega a apagar diante a opressão.

Num livro cujo nome é *Mulheres: Guardiãs de Lugares*, falar da ilustre Natália Correia faz todo o sentido, visto que toda a sua *persona* é sobre a luta contra a repressão. Natália reflete, nos seus escritos, a sua sede por uma libertação e emancipação sexual e financeira das mulheres, bem como reflexões profundas sobre a condição da mulher num país onde a tirania é imperatriz. Os confrontos com a justiça que servia o regime fascista marcaram a vida pessoal e profissional da autora, tornando-a num exemplo das várias mulheres que surgem como um farol de bravura no meio da escuridão da repressão do regime, cuja voz ressoa como um eco da resistência feminina contra o fascismo.

O fardo de ser menina-mulher

Num cenário onde o tiranismo imperava no país, as mulheres e as suas histórias eram empurradas para o esquecimento, confinadas ao papel de donas de casa, esposas e mães - eram estes os requerimentos a serem preenchidos para ser considerada uma “boa mulher”. As horas de labuta árdua de várias mulheres eram relegadas ao olvido, as opiniões das nossas companheiras eram abafadas, sendo excluídas da esfera política, e condicionadas a uma atuação discreta na esfera privada. Segundo os

valores do Estado Novo, “nascemos” para realizar o trabalho doméstico. Num palco onde a opressão é protagonista desde 1933, Natália cresce a ver e a sentir as políticas da ditadura reduzirem a sua história e a de tantas outras mulheres ao órgão sexual feminino e ao seu papel de servir o homem.

O embate entre “Natalinha” e o Estado Novo começa desde os seus primórdios, enquanto pequena mulher e pessoa. A poetisa chegou a ser expulsa da escola por recusar-se a fazer o caderno diário¹⁰⁷, cuja sua explicação foi, e citando as suas palavras: “Não aceitei essa disciplina que me era imposta de fora, não aceito nenhuma que me seja imposta, sem que me demonstrem a razão dela” (Correia, 1955: 20).

Desde cedo, Natália mostra esta espécie de repulsa aos rituais nacionalistas, o que faz com que adote no liceu um perfil de voo de ave migratória. Apesar deste controlo acérrimo e prematuro exercido pelos ideais tradicionalistas do Estado Novo, em 1936, a poetisa viu-se diante de mais uma barreira à liberdade. Nesse ano, entrou em vigor nos liceus femininos um modelo pedagógico segregacionista em função dos rígidos e binários papéis de género desenhados pelo regime. Este modelo pedagógico apostava na formação das mulheres como cidadãs do Estado Novo, fadadas a serem mães, esposas e donas de casa, instruindo-as em “Economia e Artes Domésticas, Métodos de Educação Familiar, Higiene e Puericultura, Culinária, Roupa Branca, Vestidos, Transformações, Bordados e Tapeçarias, Chapéus, Flores e Arte Aplicada” (Correia, 1955: 20). Nesta tentativa política de domesticar a mulher, Natália foi transferida para uma escola mista. Contudo, o seu caminho no ensino público acaba realmente aquando da criação da Mocidade Portuguesa Feminina em 1938, pois a mãe da poetisa recusava que as filhas pertencessem à “detestável organização”. É seguro dizer que, desde cedo, Natália emergiu como uma voz de contestação às normas políticas e sociais que a rodeavam.

Porém, foi a partir dos seus 15 anos, quando cruzou caminhos com um professor e escritor “semi-anarquista”, que a sua formação política se consolidou de forma intensa. Fugindo aos moldes do sistema tradicional de ensino, Natália tornou-

¹⁰⁷ “A obrigatoriedade do caderno diário era apenas uma longa lista de deveres performativos dos alunos do Estado Novo, a que se juntavam a saudação da bandeira portuguesa, o cantar o Hino Nacional, a entronização do crucifixo após 1936 e as palmas das mãos à mercê das reguadas” (Martins, 2023)

se aprendiz de Cardoso Marta, que lhe incutiu uma profunda paixão pela poesia trovadoresca e conduzia uma jovem Natália para tertúlias não só poéticas como a fervorosos debates políticos. No auge da sua puberdade, Natália estava já mais do que envolvida na oposição marxista e começava a dar os seus primeiros passos no mundo literário. Contudo, apesar do êxtase revolucionário e contestatório que Natália vivia, a poetisa desde logo percebeu que “a beleza podia ser um empecilho para o cumprimento do seu destino poético, intelectual e ideológico” (Correia, s/d).

Resgatando a expressão de Fernando Pessoa, num país governado por um “tiraninho”, que tinha como objetivo domesticar e silenciar as mulheres, torná-las quase objetos serviçais à mercê da figura masculina, Natália desde cedo tornou-se um alvo das garras do patriarcado e do machismo. A autora compreendeu que a sua jornada literária seria árdua, pois a mentalidade dominante da época não apenas exaltava a aparência física, mas também obscurecia o valor intelectual das mulheres.

A caneta é uma arma contra a burguesia

Em qualquer sociedade humana, a arte emerge como uma arma de luta política, que deteta anomalias e relações desiguais entre os sexos. No contexto ditatorial português, a expressão artística transforma-se numa plataforma de resistência contra um regime que nos tentava manter cativas. Natália Correia começa a fazer da caneta e do papel uma espingarda contra o Salazarismo, durante o seu primeiro casamento, quando tinha 19 anos. Como não finalizou aquilo que seria esperado do sistema educativo tradicional e não teve uma masculina na família que providenciasse meios monetários para a sua sobrevivência, Natália viu no casamento a única alternativa viável à escolarização enviesada do regime. Como mulher em “idade fértil” era esperado que aquando do matrimónio, Natália cumprisse os seus deveres conjugais, ou seja, se tornasse uma “mulher do lar”. Segundo a revista *Estado Novista A Mulher no Lar*, o lugar da mulher casada “é no lar, entregue aos mil e um cuidados inerentes à sua missão de companheira do homem e mãe educadora das gerações futuras” (De Sousa Costa, 1950). O que era pedido às mulheres e, neste caso, a Natália, era que se calassem e fossem submissas e devotas aos seus maridos.

Em virtude da sua personalidade persistente e assertiva, Natália respondeu imediatamente a tais burburinhos do conservadorismo, proclamando que pretendia

ser “árvore em si, existindo para além de frutos” (De Sousa Costa, 1950). A poetisa dizia desconhecer o “sentido de maternidade” e o que ela realmente desejava era trabalhar. Toda esta recusa em aceitar o papel de “dona do lar”, assim como a ardente vontade de trabalhar e afirmar a sua independência, revela que Natália sempre carregou consigo uma voz insurgente contra a opressão patriarcal que vitimizou, e ainda vitimiza, várias mulheres. Como supramencionado, as balas de Natália, materializadas em palavras, surgem fruto deste casamento, mais precisamente, do divórcio. Dado à força da religião no cenário político em questão, e ao modo como se considerava que a fidelidade conjugal e a indissolubilidade do matrimónio cristão eram um mecanismo para atingir a unidade do regime, o divórcio era algo difícil de ser obtido e, como é de esperar, traz consequências ainda mais graves para a mulher. Quando um divórcio era aceite, o homem podia contrair matrimónio passado seis meses do anulamento do mesmo e era incentivado pela sociedade a viver uma espécie de vida boémia que lhe fornecesse o prazer “que necessitava”, enquanto as mulheres, “tinham de aguardar um ano para se voltar a casar” (Pereira, 2019). Natália enfrentou dificuldades para obter o divórcio, e apesar de ter sido vítima de violência doméstica, a mesma só conseguiu o divórcio depois de se declarar culpada por adultério. Estes fatores culminaram no despedimento da escritora do seu emprego como radialista na época, enquanto o seu ex-marido não sofreu nenhuma consequência, social ou económica. Para além da experiência do divórcio a ter convocado para a esfera pública, não só os olhares conservadores ficaram atentos a Natália, como ela conseguiu sentir e ver de perto o papel da mulher e a “subtração de liberdades e direitos” (Martins, 2023: 63), começando a escrever regularmente sobre o tema.

É em 1945, quando “Salazar altera a lei eleitoral e retira o direito de voto a mulheres casadas” (Martins, 2023: 63), que Natália se vê prejudicada por ainda não ter obtido o divórcio, sendo assim impedida de votar naquele ano.

Em modo de protesto, a autora inicia a sua jornada de confrontos intensos contra o regime, desafiando a repressão do mesmo e expondo, a partir da escrita, as incoerências dos instrumentos que sustentam os interesses burgueses do Estado, revelando as falácias que rodeavam uma sociedade construída sobre desigualdades. Assim, em 1945, ela escreve um artigo onde afirma que “supressões de liberdade e os limites impostos à educação feminina eram uma incoerência que merecia ser

denunciada” (Martins, 2023: 63). Natália faz a denúncia desta incoerência de forma mais direta possível, sem medo de enfrentar um processo censório no início de carreira, e escreve o seguinte: “Em vez de dignificar a mulher casada, o governo humilha-a. Será que o matrimónio marca uma fase de apatia mental na futura mãe de família? Será que ao abandonar a sua qualidade de solteira perdeu a capacidade de pensar?” (Correia N., À Volta da Nova Lel Eleitoral nos Parágrafos que se referem à Mulher, 1946).

Simplificando, Natália levanta uma questão provocadora: como pode o governo afirmar dignificar o papel da mulher ao vinculá-la apenas ao matrimónio, insinuando que o seu valor reside pura e unicamente na condição de esposa e mãe? Esta visão contraditória que Natália denuncia revela o modo como o Estado perspetiva as mulheres, isto é, ao casar, a mulher é reduzida a um objeto desprovido de pensamento e autonomia e vive sob a sombra da humilhação. Graças à sua pouca fama por ainda estar em início de carreira, não enfrentou nenhum processo censório por este artigo, que a lançou na esfera pública como uma voz fervorosa pela liberdade da mulher e um verdadeiro reconhecimento da dignidade feminina.

Um ano depois, em 1946, Natália lança mais uma bala contra o regime: estreia o seu nome na capa de um conto infanto-juvenil. *Grandes Aventuras de Um Pequeno Herói* conta a história de uma criança ferida “pelo espetáculo de injustiça social” (Martins, 2023) a quem as forças naturais - Chuva, Sol e Vento - ajudam a derrotar um tirano sob a promessa de que um futuro melhor chegará. O “tirano” da obra era um indivíduo de “nariz aquilino”, e muito dificilmente não seria identificado pelos mais atentos que o vilão representava Salazar.

Torna-se, portanto, evidente que Natália estava mais preocupada em transmitir uma mensagem política do que em contar uma história de embalar às crianças. A autora utilizou uma obra de caráter infanto juvenil para camuflar as suas verdadeiras pretensões, que passavam por defender uma “mobilização de consciências e confirmam a influência de vários pensadores socialistas banidos das livrarias” (Martins, 2023: 77). Apesar de a sátira a Salazar parecer transparente, o facto de ser um livro de temática infantil foi o suficiente para iludir a censura e a obra foi para as livrarias à venda. É digno de nota que os dois primeiros trabalhos de escrita de Natália, embora divergentes nas suas abordagens, constituem críticas

incisivas ao regime opressor que dominava Portugal. Isto revela que, embora jovem, ela não só é uma autora extremamente versátil, como sempre optou por erguer a sua voz contra o fascismo, utilizando o poder transformador da palavra.

E, se ainda não estamos convencidos de que a poetisa é extremamente ousada e corajosa, em 1946, Natália escolhe como terceiro trabalho, um conjunto de artigos denominados *Breve História da Mulher*, nas páginas do seminário do jornal *Sol*. Durante meses, refletiu sobre o papel feminino ao longo dos séculos, desde os primórdios da humanidade até à Renascença. Contudo, ao colocar a mulher no centro do debate, Natália “subverteu um dos mais intocáveis tabus do Estado Novo que, seguindo os princípios da Alemanha nazi, exigia a mulher na cozinha, na sala, e no quarto das crianças” (Martins, 2023: 83). Num dos seus primeiros artigos para esta espécie de crónica, Natália expõe teorias antropológicas que explicam o surgimento de sociedades matriarcais primitivas, citando o trabalho de Lewis Morgan. Num tempo onde toda a produção intelectual era riscada a azul, Natália esteve durante meses a dar a conhecer e defender o conceito de sociedade matriarcal que não significasse apenas uma transferência de poder onde a mulher passaria a ocupar a autoridade que é conferida ao homem nas sociedades patriarcais, mas “um sistema distinto em que a mulher desempenhasse um papel essencial graças às particularidades biológicas do seu sexo” (Driven, 2017).

Ao incorporar teorias científicas sobre o papel da mulher e a condição feminina num país destituído de acesso a variadas informações do exterior - por nós, proclamarmos “Orgulhosamente sós” - a autora estabelece-se como uma pioneira na luta pela emancipação feminina. A escrita de Natália não apenas desafia os limites impostos pelo lápis azul, mas também distingue-se por uma ótica singular que desvia daquilo que seria o feminismo académico da época. Assim, a autora revela uma individualidade, um tanto quanto sublime e, arrisco-me a dizer, nunca antes vista.

Ainda em 1946, Natália lança *Anoiteceu no Bairro*, uma obra que tem a defesa da condição feminina de uma forma militante na sua génese. Nesta obra, aborda as escassas alternativas disponíveis às mulheres durante e após o casamento, fruto de uma reflexão da sua própria realidade, onde foi vítima de um casamento infeliz e abusivo. A escrita de Natália tece um desenrolar entre a realidade e a ficção, o que leva a supor que este trabalho transcende o mero prazer intelectual e teórico. É uma

espécie de desabafo profundo de uma mulher que sentiu na pele a repressão patriarcal. A autora busca constantemente transmitir uma mensagem política, libertadora, quase sempre numa tentativa de “desalienar” outras mulheres. Há em *Anoiteceu no Bairro* um toque autobiográfico, como um apelo à consciência e mobilização das mulheres pela sua emancipação. Embora de teor opositor aos ideais do regime, Natália e a sua escrita sublime escaparam mais uma vez à censura, conduzindo a que esta obra fosse a impulsionadora do nome da autora no meio literário.

Contudo, o sucesso de Natália não passa de uma boa fama no seu “nicho” de intelectuais. Ela submete-se novamente ao matrimónio e vê-se paradoxalmente reduzida à condição de “doméstica”, apesar do seu currículo já extenso. No decorrer de toda a década de 40, a autora escreveu crónicas várias, apresentou obras literárias em nome próprio e, ainda em 1951, apresentou aquela que viria a ser uma das suas obras mais aclamadas - *Descobri Que Era Europeia*. Natália já havia dado todas as provas como cronista, romancista e começava a firmar-se também como poetisa, contudo, “era como dona de casa que o Estado a via” (Martins, 2023: 186). Mesmo dotada de uma riqueza criativa e intelectual extraordinária, a realidade social mantinha a escritora cativa a um status que a reduzia apenas ao papel de dona do lar, através de um anel e um papel assinado. O contraste entre a identidade artística da autora e a limitação imposta pelo Estado devido à sua condição biológica de ser mulher, revela-se sempre presente em cada etapa da vida da poetisa.

No percurso de afirmação da sua voz como escritora e poetisa, Natália deparou-se com vários obstáculos de essência conservadora e tradicionalista, que questionavam a veracidade do seu trabalho, pura e simplesmente por ser mulher. Ela não se deixou abater por todas as limitações que lhe eram impostas, optou por canalizar sua indignação e resistência através da escrita, utilizando-a como uma arma contra as falácias proferidas pelos vogais do regime salazarista. Natália Correia cultivou o seu caminho na luta antifascista, construindo narrativas que não só questionavam o *status quo*, como apelavam a uma mudança. Contudo, confrontos piores com as marionetes do regime estavam por vir.

O prémio de ser assim, sem pecado e sem inocência

É em 1959 que Natália inicia a verdadeira batalha entre a liberdade de expressão e a tirania do lápis azul. Nesse ano, publica *Comunicação*, obra que vai iniciar a longa lista de livros censurados da autora. Embora revoltante, tal ato de repressão não é surpreendente, uma vez que a obra representa uma metonímia poética da pátria. Nesta publicação, *Lusitânia* representa um Portugal imperialista, com uma panóplia de personagens odiosos, como a solteirona, o padre, o patriota e o inquisidor.

Ademais, a obra é permeada por um evidente ataque aos mecanismos censórios do país, onde o “Auto de fé” representava a censura “que cala os bardos, condenando a cidade à aniquilação” (Martins, 2023: 186). A PIDE confisca a obra em 2 de outubro de 1959 justificando que a “libertinagem e falta de senso moral bem verificados, levam, sem sombra de dúvida, a não autorizar a sua circulação” (Martins, 2023: 187). A proibição da obra não abalou a autora, pelo contrário, tornou-se um poderoso catalisador para trabalhos futuros. Para Natália, o lápis azul nada mais era do que uma “tolice” do regime, uma demonstração do medo quando confrontados com a força do pensamento livre. A poetisa sentia uma satisfação quase visceral ao observar os “lacaios do tiraninho” ofendidos pelas suas palavras certeiras, fazendo jus aos seus escritos em “Comunicação”. Todo o alarido do lápis azul em torno das suas obras era para ela “o prémio de ser assim, sem pecado e sem inocência”.

Natália não teve de esperar muito para voltar a erguer a sua voz contra o regime, e foi, inclusive, inspirada pelo assalto ao Santa Maria em 1961. Três revolucionários mal-armados com intenções de desviar a rota do navio para Luanda conseguiram expor a ditadura portuguesa, colocando a comunidade internacional contra Salazar. A onda de humilhação que fragilizava a ríspida imagem de Salazar, deu a Natália o mote para o seu próximo livro - *Cântico do País Emerso* (1961). A imprensa descreve a obra como uma “epopeia sobre os motivos dos nossos dias” (Martins, 2023: 194). Embora começasse a receber algum reconhecimento pelo seu trabalho, o seu objetivo ao publicar *Cântico do País Emerso* transcende a procura por validação e compreensão dos leitores. A autora fazia questão de abraçar as ressonâncias das problemáticas sociais nos seus poemas, colocando-se ao serviço de uma missão maior: transmitir uma mensagem e comunicar. Num período em que o regime se encontrava fragilizado, uma figura como a de Natália, que frequentava

ambientes dominados por “doutores”, “não partilhava quarto com o marido legítimo” e ousava erguer a voz contra o tiranismo de António de Oliveira Salazar, tornava-se evidente que “tudo o que levasse a [sua] assinatura era motivo de queima” (Correia N., *Um Compromisso com a Humanidade*, s/d). Ou seja, durante a década de 1960 a censura proibiu vários livros dos seus livros, incluindo, a obra inspirada no assalto ao Santa Maria.

Em 1965, Natália volta a atacar a autoridade de Salazar, quando escreve *O Homúnculo* (1965), uma paródia sobre a mais alta figura de Estado, que obviamente foi banida. Mas seu maior embate com a censura ocorreu em 1965, com a ousada publicação da *Antologia Portuguesa Erótica e Satírica* (1965). Mais do que uma coletânea de poemas, o seu trabalho nesta obra passou por reescrever poemas medievais, conferindo-lhes uma nova vida ao atualizá-los à linguagem dos dias que corriam. Era uma espécie de jogo que a obrigaria a adestrar o ponteiro da indecência. A publicação da antologia tinha o fim claro de promover a revolução sexual pelos livros e, segundo a própria, fugir ao puritanismo que serve de guardião de todas as ditaduras. Além de fazer a junção de escritos de poetas medievais e contemporâneos, Natália também escreveu um poema - *Cosmocópula* - ousado, que iria agravar as consequências do seu confronto com a censura:

COSMOCÓPULA

I

*Membro a pino
dia é macho
submarino
é entre coxas
teu mergulho
vídeo de ostras*

II

*O corpo é praia a boca é a nascente
e é na vulva que a areia é mais sedenta
poro a poro vou sendo o curso da água
da tua língua demasiada e lenta
dentes e unhas rebentam como pinhas
de carnívoras plantas te é meu ventre
abro-te as coxas e deixo-te crescer
duro e cheiroso como o aloandro.*

A antologia mostrava todas as faces da autora enquanto apologista do prazer feminino, da revolução sexual, antifascista e também enquanto poetisa. Isto é, a obra permite compreender o juízo de Natália sobre a personalidade lírica dos seus contemporâneos. Apesar de a obra refletir todo o seu talento, a 30 de dezembro já todos os livros tinham sido confiscados pela PIDE devido ao seu “caráter pornográfico”.¹⁰⁸ A *Antologia Portuguesa Erótica e Satírica* foi, para os carneirinhos do regime, reduzida a meros contos pornográficos, desprovida de qualquer valor literário e encarada como uma ignominiosa afronta aos valores morais da ordem vigente. Por esse motivo, Natália viu-se envolvida num processo judicial, conjuntamente com outros autores, para defender a obra numa batalha que se estendeu desde o ano da sua publicação até 1973. Durante esses 9 anos, Natália foi chamada várias vezes a tribunal, maior parte das vezes para confirmar burocracias mínimas, na primeira vez que foi chamada em 1967, escreveu o poema “Defesa do Poeta” que desejava ler em tribunal para se defender das acusações, mas que o advogado convenceu a não fazer para evitar consequências maiores. A 21 de março de 1967, Natália foi condenada a noventa dias de prisão substituídos por uma “multa a cinquenta escudos por dia e quinze dias de multa à mesma taxa, a que acresceram os impostos de justiça e de procuradoria de dois mil escudos” (Martins, 2023: 299). Após a sentença, os livros apreendidos foram declarados do Estado para serem destruídos.

Apesar de este ter sido o seu confronto mais árduo com a censura, Natália não pousou a caneta e expurga através da escrita a repulsa que todo o processo judicial provou no seu âmago na secção “Artes & Letras” do *Diário de Notícias*, afirmando que “o país estava entregue à bicharada” (Martins, 2023: 299).

Natália só parou de ser censurada após o 25 de Abril de 1974, até à eclosão da revolução a autora teve pelo menos mais duas obras literárias banidas. Uma delas sendo “A Pécora” (s.d), sátira que denuncia o comércio religioso entre a Igreja e o poder político, era de esperar que ao atacar um dos pilares sagrados do Estado, Natália tivesse o seu trabalho riscado pelo lápis azul. Ainda na década de 60, Natália escreveu *Madona* (1968), talvez uma das suas obras mais feministas, embora a autora não se revisse no sentido académico do termo. A protagonista deste poema extenso

¹⁰⁸ Relatório nº7677 do SNI.

descobre a liberdade sexual, o poliamor e os limites do corpo. Através desta obra, Natália transpõe para o centro da discussão a posição social da mulher e sexualidade feminina. Os críticos literários da época afirmaram que a obra “traduzia uma modernidade que ultrapassava os limites da moral vigente” (Martins, 2023: 309) e que refletia o pensamento de Simone de Beauvoir: “minha querida [...] tu não raciocinas como um ser biologicamente feminino. A tua razão biológica está desnaturada pela mulher que os homens fizeram de ti” (Martins, 2023: 309). São claros os motivos pelos quais a obra foi censurada, num país onde as mulheres eram relegadas ao olvido, Natália coloca a condição feminina, a emancipação da mulher e a liberdade sexual para o centro da discussão, rompendo todas as barreiras morais vigentes da época.

Guardiã de lugares

Se considerarmos a Liberdade como um lugar, Natália surge como uma das suas mais fervorosas guardiãs. Uma menina que cresceu sem pai, rodeada de mulheres solteiras e sustentada economicamente por uma mulher, desde os primórdios da sua vida, ela desafiava as convenções. Casou e divorciou-se várias vezes, sendo vítima de blasfêmias machistas após os divórcios, explorou coletivos marxistas e associações de operários, teve alguns *affairs* públicos sem se submeter ao matrimónio, recusava-se a ser acompanhada por um homem quando vagueava pelas ruas e a condição de dona do lar jamais encontrou lugar no seu espírito indomável. Natália desafiou e confrontou as normas sociais que o Estado Novo tinha cimentado, pura e simplesmente, por ser quem é.

Escolheu a literatura, nomeadamente, a poesia, como arma contra a tirania que imperava na época. As palavras tornaram-se um hino de resistência contra o fascismo e um clamor pela emancipação feminina. Cada obra sua transcendia as barreiras impostas. Durante toda a sua vida, Natália foi uma escritora, mas também uma voz inconfundível em defesa da liberdade.

Enquanto poetisa e uma das autoras mais censuradas durante o Estado Novo, a autora enfrentou vários estereótipos machistas que tentaram calá-la. As suas obras estariam sempre sob o olhar atento da PIDE, pois eram desmerecidas pelo fato de ser considerada uma “mulher histérica”, “pornográfica”, e uma mulher cuja beleza

a tornava em alguém que estava numa busca constante por atenção masculina. Em vida, todas estas polémicas eclipsaram o verdadeiro valor literário da poetisa, mas Natália não se deixou abater e nunca parou de escrever e expressar as suas convicções.

Todavia, e saltando um pouco no tempo para o século XXI, a memória de Natália Correia ainda não ocupa o lugar que lhe é devido. Na maioria das vezes, a poetisa é mais lembrada pela sua personalidade controversa e pela sua beleza estonteante do que pela sua contribuição para a literatura e para a luta pela emancipação das mulheres.

Se Natália pavimentou caminhos vários para que as mulheres fossem capazes de usufruir de uma certa independência, tornando-se uma guardiã da Liberdade, cabe-nos não cair em machismos estruturais e não fazer o mesmo que lhe foi feito em vida. Numa forma de honrar toda a sua luta, devemos reavivar e reconhecer o seu trabalho, pessoal, político e literário, em toda a sua plenitude. Natália Correia é um símbolo de resistência feminina e antifascista, é um farol de inspiração para todas que viveram e vivem nas amarras da opressão patriarcal e desejam uma vida repleta de liberdade.

Referências Bibliográficas

- Correia, N. (10 de março de 1946). À volta da nova lei eleitoral nos parágrafos que se referem à mulher. *Portugal, Madeira e Açores*, 1.
- Correia, N. (1946). *Portugal, Madeira e Açores*.
- Correia, N. (1955). *Poemas* (Edição de autor).
- Correia, N. (s/d). *Natália Correia, um compromisso com a humanidade*. Cultura Governo dos Açores.
- Correia, N. (s/d). Respostas escritas à mão por Natália Correia a uma hipotética entrevista. Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.
- De Sousa Costa, E. (1950). *A mulher no lar*.
- Driven, R. (11 de dezembro de 2017). Má(tria)-mulher e monstruosidade na ficção em prosa de Natália Correia. *Má(tria)-mulher e monstruosidade na ficção em prosa de Natália Correia*, 4-5.
- Martins, F. (2023). *O dever de deslumbrar: Biografia de Natália Correia*. Lisboa, Portugal: Contraponto.
- Pereira, F. (junho de 2019). A condição feminina: Do Estado Novo até à atualidade. pp. 3-28.

